



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE ARTES – IdA
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS – CEN**

WALISON FERREIRA MORAES

**ADAPTAR PARA CONFLUIR:
uma reflexão sobre o processo de adaptação de jogos indígenas no contexto
do laboratório de jogos afro-brasileiros e indígenas (CEN/UnB)**

BRASÍLIA/DF 2025

WALISON FERREIRA MORAES

ADAPTAR PARA CONFLUIR:

**uma reflexão sobre o processo de adaptação de jogos indígenas no contexto
do laboratório de jogos afro-brasileiros e indígenas (CEN/UnB)**

Trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Artes
Cênicas do Departamento de Artes Cênicas do Instituto de
Artes da Universidade de Brasília elaborado pelo aluno
Walison Ferreira Moraes, matrícula 231033334 a orientação
do Professor Mestre Igor Passos Pires

BRASÍLIA/DF 2025

WALISON FERREIRA MORAES

**ADAPTAR PARA CONFLUIR:
uma reflexão sobre o processo de adaptação de jogos indígenas no contexto
do laboratório de jogos afro-brasileiros e indígenas (cen/unb)**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
Curso de Licenciatura em Artes Cênicas**

Apresentado em 11 de dezembro de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Ms. Igor Passos Pires (CEN/UnB)

Prof^a. Dr^a. Franciane (Kanzelumuka) Salgado de Paula (CEN/UnB)

Prof^a. Dr^a. Jennifer Jacomini de Jesus (CEN/UnB)

*“Os povos indígenas são a última reserva moral desse sistema”.
Daniel Munduruku*

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai Agripino, por ter insistido na minha educação em me levar para escola debaixo de um sol escaldante que faz na Amazônia Brasileira. À minha criança interior, que brincava de ser professor reunindo todas as crianças da rua. Às minhas irmãs, Antonia e Iraídes, pelo apoio, fortalecimento e oportunidade que me deram para estudar ao longo da minha jornada acadêmica. Ao Mark Martinez, por não ter soltado a minha mão. Ao meu orientador, Igor Passos Pires, sem sua generosidade e acolhimento não teria sido um processo tão prazeroso. À professora Kanzelumuka, por ter me mostrado um caminho alternativo na arte-educação. À professora Jennifer Jacomini, pelo carinho, atenção e zelo com o nosso grupo de investigadores brincantes do laboratório de brincadeiras afro-brasileiras e indígenas. Aos meus colegas do laboratório que foram mais que especiais nesse processo investigativo e que foram essenciais nesse caminho, e brincar com vocês me fazia sorrir e me sentir livre, fazendo com que eu acessasse as mais lindas memórias de infância através dessa arte que é brincar.

RESUMO

Este trabalho teve como propósito investigar como as brincadeiras indígenas podem ser adaptadas para o contexto educacional formal, em específico, no ensino de teatro. Buscou-se compreender, a partir da vivência do pesquisador no Laboratório de Jogos e Brincadeiras Afro-Brasileiras e Indígenas (CEN/UnB) como as adaptações de tais práticas corporais e lúdicas contribuem para a proposição de caminhos pedagógicos de processos formativos em educação, que unam práticas de povos originários e artes cênicas. Constatou-se que esse processo foi possível por quatro estratégias: escuta, diálogo, acolhimento e contextualização cultural. Conclui-se que, no âmbito do laboratório, a prática de adaptação funciona como modo de confluência entre diferentes culturas.

Palavras-Chave: **Ensino de Teatro; Brincadeiras Indígenas; Adaptação de jogos Indígenas.**

ABSTRACT

This study aimed to investigate how Indigenous games can be adapted to the formal educational context, specifically within theater education. Drawing on the researcher's experience in the Laboratory of Afro-Brazilian and Indigenous Games (CEN/UnB), the study sought to understand how adaptations of these corporeal and playful practices contribute to proposing pedagogical pathways for educational processes that bring together Indigenous practices and the performing arts. The findings indicate that this process was made possible through four strategies: attentive listening, dialogue, care, and cultural contextualization. It is concluded that, within the laboratory context, the practice of adaptation functions as a point of confluence between different cultures.

Keywords: Theater Education; Indigenous Games; Adaptation of Indigenous Games

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. PONTOS DE CONTEXTUALIZAÇÃO	15
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO LABORATÓRIO	15
1.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO LIVRO DE BRINCADEIRAS E JOGOS	18
1.3 CONTEXTUALIZAÇÃO DOS JOGOS ESCOLHIDOS PARA O LABORATÓRIO	20
2. ESTRATÉGIAS DE ADAPTAÇÃO DOS JOGOS: ESCUTA, DIÁLOGO, ACOLHIMENTO E CONTEXTUALIZAÇÃO CULTURAL	24
2.1 ACOLHIMENTO	25
2.2 ESCUTA E DIÁLOGO	25
2.3 CONTEXTUALIZAÇÃO CULTURAL	26
3. A ADAPTAÇÃO NA PRÁTICA: REFLEXÃO SOBRE A OFICINA NO LAR DO PASTOR RAPOSO	29
3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROCESSO DE CONFECCÃO DA OFICINA	30
3.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO LOCAL EM QUE A OFICINA FOI FEITA	32
3.3 PROCESSO DA OFICINA COM OS JOGOS AFRO-BRASILEIROS E INDÍGENAS	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43

INTRODUÇÃO

Ao longo da minha formação no curso de licenciatura em artes cênicas pude vivenciar dentro da universidade experiências que transformaram o meu olhar sobre o papel do teatro na educação. Experiências dentro das Práticas Docentes ofertadas pela licenciatura; práticas essas que julguei serem importantes para meu caminho como docente, como *Prática Docente em Dança*, *Prática Docente em História do Teatro - Literatura Dramática*, *Prática Docente em Arte Contemporânea e Cena Expandida: Ações Performativas em Ambiente Escolar*; e os Estágios que compõem o processo de aprendizado.

A qualidade de conteúdo e o domínio dos professores dentro de cada disciplina, me fez enxergar o quão a educação, em algumas regiões do Brasil, pode ser diferente e defasada. Tais disciplinas me fizeram recordar que minha vida no ensino do regular no estado do Pará foi cheia de faltas, e muita coisa eu aprendi somente ao acessar a universidade. Esse contato direto com o que não é ensinado na escola, e que muitas pessoas podem ter acesso em um curso superior, no meu caso aconteceu nas artes cênicas, foi muito importante para que eu compreendesse que a educação pode ser diferente.

Antes eu olhava a licenciatura como o professor que apenas dará aulas na Rede Pública, através de concurso e sem se envolver com arte, pois ser artista não iria me trazer retornos financeiros com a urgência que eu queria. Mas a partir do momento em que eu me permiti vivenciar o processo das aulas percebi que a arte e a docência poderiam caminhar juntas. Deixando o percurso das coisas acontecerem e dando a devida importância que a licenciatura merece, os professores com a condução dos conteúdos ao longo dos semestres, mesmo sem saberem estavam semeando a semente na minha cabeça e me fazendo querer ser diferente.

Não queria ser apenas mais *um* professor e sim *aquele* professor que não tive na escola e que de alguma forma me fez falta no processo de minha aprendizagem. Não quero ser o professor de Artes que não tem a formação na área específica, que passa desenhos e cópias e pensa que está levando conhecimento. Essa foi a inquietação que passei a ter enquanto estudante do curso de Licenciatura em Artes Cênicas na Universidade de Brasília.

O meu interesse é furar essa bolha engessada, a qual muitos professores se conformam com o mínimo e se preocupam apenas com conteúdos de vestibular. Sei

que estes conteúdos são importantes e necessários, mas tenho pensado que mediar conteúdos pode ir além, e que trabalhar no *como fazer*, no *como chegar*, seja tão importante quanto para que o estudante tenha interesse na disciplina, no conteúdo e nas atividades que a escola propõe.

Tenho consciência de que a escola pública não é uma tarefa fácil, porém penso que conquistar os estudantes pode ser o primeiro passo para obter a atenção da turma. Ser educador segue sendo um desafio, ainda dentro do campo universitário e será ao longo da minha trajetória como docente. Sigo otimista mesmo que não saiba como será o futuro.

Dito isto, com essas inquietações e principalmente a de não saber qual temática elegir para iniciar uma pesquisa, já chegando no final do curso, o ideal seria encontrar algo que me fizesse vibrar ao dedicar tempo para pesquisar, ler, ter interesse e entrar em algum grupo de pesquisa extensão, Pibid, Pibic, etc. Confesso que o desespero chegou e não sabia por onde começar. Eu só tinha certeza que teria que ser algo que me fizesse me encontrar comigo mesmo, com as minhas raízes. E que de alguma maneira eu pudesse contribuir na formação dos meus estudantes, e que assim como alguns professores me marcaram positivamente na graduação, esse era o desejo que esperava para meus futuros alunos.

Eis que foi no penúltimo semestre da minha licenciatura, no ano de 2025, na disciplina de *Estágio Supervisionado em Artes Cênicas em Espaços Alternativos*, com a professora KanzeluMuka que encontrei o meu interesse para chegar em minha monografia.

Foi em uma aula específica marcada no Acampamento Terra Livre (ATL)¹ que eu tive uma virada de chave em minha cabeça, quase um despertar e o conectar com as minhas origens e até mesmo o lugar de onde venho, na Amazônia brasileira.

O Acampamento Terra Livre dos povos indígenas foi o evento do ano de 2025, mais importante para mim dentro da Universidade, pois não significou apenas um reencontro comigo mesmo, mas com essa virada de chave na cabeça, e diante de tanta cultura, tantos saberes que pude presenciar, reconheci outros modos de responder às questões do *como fazer*, *como chegar* e *como fazer parte* daquele movimento. Isso me fez sentir em casa.²

¹ O ATL refere-se à questão territorial, ou seja, a defesa de demarcação e proteção dos territórios dos povos indígenas. O Acampamento Terra Livre é a maior assembleia dos povos e organizações indígenas do Brasil, realizada anualmente em Brasília.

² KANZELUMUKA é o nome artístico da professora do CE Franciane Salgado de Paula.

Até então, eu não havia encontrado um espaço alternativo para dar seguimento com a disciplina, já tinha até cogitado desistir. Porém, em meio a dificuldade para encontrar um espaço, recebi o conselho de uma colega do curso de tentar no memorial dos povos indígenas.

E deu certo! Apenas com uma ligação, consegui uma reunião com a coordenadora de atividades culturais do memorial, Sara Seilert. A partir disso as coisas foram se encaminhando, se encontrando e comecei o estágio em espaços alternativos, onde eu estava em contato direto com povos indígenas de algumas etnias, exposições, o acervo de peças que não são expostas. Ali comecei a ter noções de mediações com grupos escolares e com turistas em grande maioria. O interesse era tão grande que eu havia decorado as exposições e buscava informações sobre cada exposição, cada peça exposta para não dar informações. No percurso também encontrei parceiros como Raphael Weheria, e Muriti Tapuia³, que me acolheram e me ensinaram muitas coisas sobre a própria cultura deles enquanto educadores indígenas do memorial.

O estágio acabou e o desejo de continuar a estudar, de obter informações importantes sobre a cultura indígena, ficou. Era uma possibilidade nova que se apresentava para mim, e o meu olhar para a docência se expandiu, pois antes da experiência com o ATL e com o Memorial dos Povos Indígenas, eu pensava que, como professor, estaria apenas dentro das escolas. E como (quase) tudo que é novo é bom, me apeguei a essa sensação de descoberta e compartilhava a cada aula de Estágio as experiências que tinha nos dias do Memorial.

Meu processo como estagiário no memorial dos povos indígenas, foi a vivência dentro da graduação em Licenciatura nas Artes Cênicas e o estágio que mais tive prazer em ir, tanto para as aulas como para a vivência em campo. Pois foi com essa oportunidade que eu repensei profundamente a docência, para além da sala de aula dentro do ensino regular na Secretaria de Educação no Distrito Federal.

Dentro do memorial eu tive contato com muitas culturas de povos indígenas e cada um com um saber diferente do outro, mesmo que se possa tecer pontos de contato entre uma cultura e outra, ainda são costumes diferentes entre os parentes. E o que eles têm em comum? Acredito que o fato desses saberes serem passados

³ Muriti Tapuia e Raphael Weheria, são arte-educadores do memorial dos povos indígenas que fazem parte do programa educativo ARANDU.

de geração em geração, e o fato de seguirem lutando por seus direitos e contra o apagamento que vem sofrendo desde a invasão portuguesa no Brasil.

Após o Estágio ingressei no *Laboratório de Jogos e Brincadeiras Afro-brasileiras e Indígenas*⁴, orientado pela professora Jennifer Jacomini (CEN/UnB). Minha pesquisa de TCC teve início com a minha chegada ao laboratório. O meu interesse foi imediato, pois sabia que poderia contribuir com o Projeto de Extensão, e que eles também contribuíram para o meu processo de pesquisa e investigação coletiva.

É a partir dessa experiência e convivência dentro do nosso laboratório que se intensificou a vontade de desenvolver e concluir uma etapa dessa pesquisa. O desejo não é terminar aqui, mas aqui é o início de algo que eu pude viver a experiência, de ter um corpo brincante com o foco na educação intercultural como parte de uma cultura de um povo que luta e resiste, enxergando o uso do teatro como ferramenta pedagógica de ensino, especialmente por meio das brincadeiras indígenas.

Este trabalho de conclusão de curso representa não só o fim de um ciclo acadêmico, mas também o aprofundamento de conhecimento e de aprendizados que foram construídos e o desejo despertado inicialmente dentro da disciplina *Estágio Supervisionado em Artes Cênicas em Espaços Alternativos*.

O Laboratório me proporcionou um aprendizado que talvez por conta própria seria um caminho mais difícil de acessar, e a vivência com as brincadeiras me trouxe memórias afetivas de infância e adolescência, além da sensação do resgate lúdico, que me trouxe sensações corpóreas, que em certos momentos vinham me acompanhando em outros processos dentro da graduação.

Acredito que a conexão entre teatro, corpo e educação encontra na brincadeira, um lugar fértil para práticas que estimulam a expressão, junto da criatividade e aprendizado colaborativo. Em trabalhos dentro do teatro, o corpo não funciona como instrumento, pelo contrário, nosso corpo é território de experiências afetivas e sensíveis, o que se torna a origem do conhecimento. Essa reflexão dialoga com o pensamento de Kishimoto (1994, p. 35), que diz que “o brincar é uma forma de expressão social que envolve linguagem, cultura e modos de ser no mundo”.⁵

⁴ O Laboratório será contextualizado no capítulo 01.

⁵ Jennifer Jacomini de Jesus é doutora, mestra e professora do departamento de artes cênicas UnB.

Dessa forma, ao compreender jogos e brincadeiras no ensino de teatro, não se trata somente de aplicar uma metodologia lúdica, e sim reconhecer o corpo como capacidade habilitada ao produzir sentidos, e estimular afetos como possibilidades de criar.

No Laboratório, a brincadeira funciona como espaço de investigação e ensinamento em que os brincantes vivenciam e, ao mesmo tempo, apontam o que funciona, o que não funciona, apontando quando temos que adaptar alguma situação. Nesse processo, todos os participantes estão com o corpo ativo em prol do processo coletivo.

Em meio às experimentações, ao longo dos encontros, nos deparamos com uma questão que se demonstrou relevante para mim: como adaptar os jogos e brincadeiras para contextos não-indígenas? Essa é, pois, a questão a qual meu trabalho se debruça.

A partir de uma investigação, com inspiração etnográfica, o trabalho em tela teve por objetivo geral compreender quais caminhos são potentes para o processo de adaptação de jogos indígenas para o contexto de educação formal. Como objetivos específicos busquei analisar e descrever os procedimentos utilizados pelo grupo dentro do Laboratório para escolher as brincadeiras e jogos e quais procedimentos foram utilizados para suas adaptações; além de analisar a elaboração e a prática de uma oficina com os jogos adaptados em uma ação que fizemos na casa de passagem do Pastor Raposo⁶.

Para desenvolver os objetivos, foram utilizadas as observações que fiz como participante, além do Caderno Colaborativo. Informo, ainda, que a oficina conduzida na casa de passagem do Pastor Raposo, não contará com imagens ao longo do trabalho. Essa escolha se deu, inicialmente, devido a direitos autorais sobre as imagens, por se tratar de crianças e adolescentes em situação de migração, e vulnerabilidade social, além de que percebi, ao longo da oficina, que algumas pessoas não se sentiam à vontade diante dos registros. Por respeito ao bem-estar das pessoas, optei por não inserir registros imagéticos no trabalho.

O trabalho está organizado em três capítulos. O primeiro apresenta detalhes de como funciona o laboratório, os encontros e o processo de investigação. Uso a expressão *investigar* por se tratar de uma maneira mais interessante e ética, evitando a palavra *explorar*.

⁶ Com intenção de manter o sigilo e anonimato do lugar, o nome utilizado é fictício.

Já no segundo capítulo, apresento alguns processos de adaptação realizados no laboratório e defendo que tais processos se aproximam do conceito de confluência.

Por fim, no terceiro segundo capítulo me detenho no detalhamento e análise do processo de elaboração da oficina e sua análise, apontando como as adaptações elaboradas pelo grupo chegaram até às pessoas participantes.

Concluo com este trabalho que dentro do Laboratório, as adaptações funcionam como confluência. Esse conceito, proposto por Antônio Bispo dos Santos (2025), aponta para o processo de encontro entre duas realidades distintas sem que uma precise se submeter a outra. Assim, compreendo que no trabalho desenvolvido no Laboratório, a adaptação buscou por processos em que os jogos não se adequassem à nossa cultura, mas que, confluindo, pudessem ser praticados sem perder radicalmente sua essência.

Desejo uma boa leitura e nos reencontramos nas considerações finais.

1. PONTOS DE CONTEXTUALIZAÇÃO

Neste capítulo apresentarei a contextualização do campo da pesquisa. Nesse sentido, no tópico 1.1 apresentarei o contexto de seleção e funcionamento do Laboratório de Brincadeiras e Jogos Afro-brasileiros e Indígenas. No tópico 1.2, apresentarei o contexto do Manual Bilíngue de Jogos e Brincadeiras Indígenas: Interculturalidade, Modos de Vida e Sustentabilidade, material utilizado no laboratório como motor das experimentações. Por fim, no tópico 1.3, contextualizar quais jogos foram selecionados e qual o processo para sua escolha.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO LABORATÓRIO

O Laboratório de Brincadeiras e Jogos Afro-brasileiros e Indígenas (CEN/UnB) se apresenta como um espaço de formação e investigação que se dedica a vivências de práticas lúdicas, que estão presentes dentro das culturas diversas dos povos originários e afro-brasileiros. É um lugar de descobertas e resgate, pois é possível investigar as brincadeiras descobrindo e criando caminhos de como se pode aplicá-las em diferentes contextos, sejam eles educativos ou recreativos.

É um projeto de extensão que está, agora, em seu segundo semestre de funcionamento, possibilitando que os estudantes de graduação da UnB, e servidores técnicos administrativos, docentes, estagiários, terceirizados e membros da comunidade externa possam participar. É importante ressaltar que não é um espaço exclusivo para discentes do departamento de Artes Cênicas. Ele está inserido em uma linha de pesquisa chamada *Memórias em movimento: teatralidades e cosmopercepções*, do grupo de pesquisa do CNPQ *Imagens e(m) Cena*, do departamento de Artes Cênicas.

O ingresso do público no Laboratório foi realizado através de edital de chamamento para compor a equipe de brincantes no início do segundo semestre de 2025. O edital apresentava alguns requisitos para poder integrar o grupo. Esses requisitos eram: a) o público alvo terá que ter disponibilidade três horas semanais quinzenais às quartas feiras das 14:00 as 17:00 para realização das atividades durante o segundo semestre de 2025; b) na seleção realizada algumas reservas de vagas foram destinadas a pessoas que se autodeclaram, pretas, pardas ou indígenas, possuindo três vagas para esse grupo, pessoas da comunidade

LGBTQIAPN+ sendo uma vaga destinada, pessoas com deficiências, uma vaga destinada, pessoas refugiadas, asiladas, apátridas e vítimas de tráfico de pessoas, uma vaga destinada e quatro vagas para ampla concorrência; c) É desligada do laboratório o selecionado que não comparecer a dois encontros seguidos sem dar nenhuma explicação ou motivo plausível para permanência no projeto⁷.

Os encontros aconteceram presencialmente na sala AT 60/09, do bloco de salas de aulas norte BSAN, na Universidade de Brasília (UnB) ocorrendo também encontros fora das semanas quinzenais, para discussão de materiais teóricos acadêmicos relacionados à pesquisa do projeto de extensão mediadas pela professora Jennifer Jacomini e o professor José Jackson.

Os participantes desse semestre possuem esses requisitos mencionados para seleção, e quem seleciona são os docentes participantes da linha de pesquisa anteriormente citada que compõem a comissão de seleção da presente chamada, sendo composta por Jennifer Jacomini de Jesus, José Jackson Silva e Franciane Kanzelumuka Salgado de Paula, os criadores do Laboratório.

É importante ressaltar que mesmo com esses pré-requisitos, havendo caso de empate, existem algumas prioridades para desempatar sendo elas, a) maior experiência no campo, conforme a apresentação do mini currículo, b) carta de motivação e interesse e c) maior idade. Todas essas informações foram tiradas do edital de seleção.

Os encontros são marcados pela coletividade. No laboratório as atividades são desenvolvidas por meio das experiências corporais, e as vivências e memórias que o corpo carrega. O primeiro momento é a preparação do espaço. Quem chega cedo, começa a preparar o linóleo da sala, varrendo e tirando qualquer sujeira que possa ter no chão, além da preparação da mesa para o lanche coletivo ao final das brincadeiras.

Depois disso, em um segundo momento do encontro, nós brincamos e deixamos a energia, a euforia de cada jogo tomar conta dos nossos corpos. A adaptação nasce da necessidade de se pensar a brincadeira para o ambiente escolar, mas também do nosso próprio espaço de pesquisa que é delimitado pelo quadrado de linóleo, e a ao lugar onde se encontra, de certa forma nos podendo, por

⁷ Estas informações foram consultadas e retiradas do Edital de Chamada Simplificada 006/2025, do Departamento de Artes Cênicas. O edital pode ser consultado na íntegra através do link: <<https://cen.unb.br/2025/08/30/edital-no-006-2025-selecao-para-participacao-voluntaria-no-laboratorio-de-brincadeiras-e-jogos-afro-brasileiros-e-indigenas/>>. Acesso em 01 de dez. 2025.

exemplo, pelo barulho que controlamos. Ao final do encontro, toda essa experiência é analisada na reflexão final que chamo de desmonte.

Além das vivências em atividades, desenvolvemos registros audiovisuais, a construção de um caderno colaborativo onde a cada encontro uma pessoa é responsável por alimentar, além das rodas de conversas que também acontecem no chão de linóleo, o que possibilita o contato visual direto, com a simbologia comunitária que os jogos nos oferecem.

Também realizamos análises que consideram os aspectos culturais que podem influenciar nosso modo de relação. Um exemplo é a dinâmica que usamos para passar o poder da palavra: com uma bola, utilizamos a palavra *how/rou*, costume dos povos da América do Norte. Isso, a meu ver, é um aspecto de contextualização cultural.

Essa dinâmica consiste em passar o poder da palavra. Os integrantes de um grupo, estão em círculo⁸ e ao centro da roda, tem um objeto, que no nosso caso no laboratório, é uma bola, mas que também pode ser uma peteca. O objeto fica no centro da roda, e quando alguém quer falar, vai ao centro, pega o objeto e diz "how/row"; então fala o que tem para falar. Ao encerrar, devolve o objeto ao centro, dando o poder da fala a outro integrante.

O meu interesse como docente é sempre buscar e reconhecer a potência dessas brincadeiras para a formação dos futuros estudantes, tentando fazer a conexão pedagógica com a prática, para que aconteça, de maneira contextualizada, a expressão corporal e o fortalecimento da diversidade cultural dentro do campo educativo, seja na escola regular ou em espaços alternativos.

Pensando nesse conjunto que traz expressão corporal, resgates do lúdico, manifestação do mesmo, o meu trabalho concentra-se no recorte dos jogos e brincadeiras indígenas, fortalecendo e enriquecendo o meu repertório como docente, investigando os modos de fazer, suas narrativas em cada jogo, com sua categoria, as relações com o território e com a colaboração dos meus colegas, as potencialidades educativas.

A intenção em adaptar o jogo é para que todo corpo possa brincar, aprender a manifestar e ter a vivência lúdica se tratando de um público adulto que por alguma

⁸ É um jogo de brincadeira de origem indígena, que era praticado muito antes dos europeus chegarem ao Brasil, feito de materiais naturais, como folhas, cascas de árvores, penas de aves, e era uma atividade para manter os corpos aquecidos em período de inverno.

ração não brinca mais. Além disso, adaptar para uma sala de aula pequena, ou uma área externa levando em consideração o espaço disponível para aplicar uma oficina. Acredito que esse cuidado traz de volta ao ato educativo a possibilidade de sermos o que somos, a partir daquilo que temos. Isso se conecta, a meu ver, com o pensamento de Daniel Munduruku (2017), quando diz que “uma das coisas que certamente faz parte da educação das crianças indígenas é a possibilidade delas serem, sobretudo, crianças”.

Cito esta fala de Daniel Munduruku porque ele fala que por meio dos jogos e brincadeiras o corpo é educado, e as histórias educam o espírito. Quando se é criança a brincadeira cumpre um papel semelhante, o corpo guarda as memórias. Entretanto, percebo que em nossa cultura com o passar do tempo tais memórias são podadas, porque crescemos e somos ensinados que brincar é atividade de criança. A experiência no laboratório, de certo modo, subverte essa questão. Levando em consideração nosso contexto no processo de adaptações, somos lembrados que essas memórias, estes ensinamentos estão em nossos corpos.

Assim, percebi que elas estão ali guardadas. Com a investigação dos jogos percebi como o corpo pode revivê-las, não necessariamente com o mesmo tônus, mas com a sensação nostálgica. Penso que volto a ser criança quando brinco e em coletivo com meus colegas isso se apresenta a mim como forma de resgate. É como se voltasse ao tempo de escola, com a diferença que somos adultos e agora brinco pensando no contexto escolar, em adaptar sem mudar o princípio a essência da brincadeira.

Dentro do laboratório nos dedicamos a adaptar pensando no ambiente escolar. Algumas questões que nos atravessam nesse processo é pensar se é viável o condutor/professor participar, quais estratégias podem ser tomadas de antemão para evitar acidentes. Um cuidado tomado nesse processo é sempre preservar os princípios e significados dos jogos, tornando possível a aplicação em projetos pedagógicos que envolvam o corpo, a arte, o coletivo, a convivência e a interculturalidade.

1.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO LIVRO DE BRINCADEIRAS E JOGOS

Para guiar o trabalho no Laboratório, foi escolhido o livro *Manual Bilingue de Jogos e Brincadeiras Indígenas: Interculturalidade, Modos de Vida e*

Sustentabilidade (Reis, 2021). Ele foi escolhido por ser um documento descritivo e ilustrativo, que traz as brincadeiras detalhadamente, facilitando a leitura e interpretação de qualquer pessoa. No laboratório, acredito que a escolha se dá, ainda, pela variedade de jogos e a praticidade que o próprio manual proporciona.

Escrito por Patrícia Rossi dos Reis, esse livro é o produto educacional resultante de sua dissertação de mestrado intitulada *Interculturalidade e sustentabilidade, jogos e brincadeiras na educação física escolar* (2021), sendo parte do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais, da Universidade Federal do Amazonas. O manual é apresentado de uma maneira simples e clara, sendo dividido por seções de acordo com o sumário do livro. É interessante pois nas primeiras seções a autora fala da importância de resgatar as brincadeiras com o olhar para a sustentabilidade.

Na seção *A discussão pedagógica: jogos e brincadeiras no ensino da educação física*, a autora explica como as práticas culturais podem ser integradas ao ambiente escolar, não sendo vistas somente como lazer e diversão, mas também como meio de educação e a valorização cultural dos povos indígenas. Há o registro com as categorias de cada jogo, organizados em uma ficha, onde possui o nome em português e na língua indígena originária, como se desenvolve, que tipo de materiais são utilizados e os objetivos que cada brincadeira tem.

A parte central do manual, com os comandos detalhados, com as orientações e contextualizações culturais, me lembrou o fichário de jogos teatrais de Viola Spolin. Nele há uma frase que diz: “os Jogos Teatrais são um processo aplicável a qualquer campo, disciplina ou assunto que cria um lugar onde a participação plena, a comunicação e a transformação podem ocorrer” (Spolin, 2007, p. 86).

Assim, nas vivências do laboratório adaptamos as brincadeiras escolhidas do Manual de acordo com o espaço, sendo possível aplicar uma parte das brincadeiras em qualquer campo disponível, desde que haja um mínimo de brincantes a cada jogo, e adaptamos também, para um número maior de participantes.

Outro ponto interessante do Manual são as considerações finais, em que são apresentadas reflexões sobre sustentabilidade, interculturalidade, além de como essas atividades podem preservar saberes culturais, promover a identidade, o respeito cultural, social e ambiental também. O livro foi publicado em meados de 2021, com parceria da Universidade Federal do Amazonas com a UFAM.

1.3 CONTEXTUALIZAÇÃO DOS JOGOS ESCOLHIDOS PARA O LABORATÓRIO

Na tabela a seguir, você encontrará os jogos que foram selecionados para serem brincados, investigados e adaptados no laboratório de acordo com as necessidades, e se teve a necessidade de mudar algo, em algum jogo, mesmo que pequena a mudança em relação a integrantes do laboratório e o público da casa de passagem. Quando iniciei no laboratório, vi que essas brincadeiras foram experimentadas com o primeiro grupo de integrantes do projeto, a ideia foi continuar o trabalho que se iniciou no início do ano no primeiro semestre de 2025, agora com novos integrantes. Seguimos com as brincadeiras, nos divertindo e refletindo sobre o contexto, as categorias e os materiais que poderiam ser utilizados, e sobre a disposição no espaço a depender da quantidade de integrantes e vontade de brincar.

QUADRO 1

Brincadeiras escolhidas para serem experienciadas no laboratório. Produção a partir do Manual Bilíngue de Jogos e Brincadeiras Indígenas. Produção do autor, 2025.

BRINCADEIRA	DESENVOLVIMENTO	CATEGORIA	objetos	OBJETIVO
BERLINDA	Esta atividade é boa para ser desenvolvida em dias de chuva. Funcionará com dinâmica parecida com um telefone sem fio, onde será escolhido um para ficar na berlinda, ou seja, no centro da sala ou do círculo. Os participantes irão falando de um para o outro características do colega que está na berlinda. Ao final, o último aluno terá que repetir o máximo de características que conseguir memorizar. Recomenda-se que sejam divididos grupos menores para desenvolvimento da brincadeira.	faz de conta e simbólicas		Respeito ao outro, atenção e criatividade
CORRIDA DE LIMÕES	Deverá ser formado duplas, uma de frente para a outra. Cada um dos participantes deverá ter um limão e uma colher. Ao sinal, os participantes sairão em direção a seus pares equilibrando o limão sobre a colher até uma marca, que ao ser atingida, passa o limão ao companheiro para fazer o retorno.	Turbulenta	Colheres e Limões	Espírito de Equipe, equilíbrio e coordenação.
	As crianças deverão ficar em roda de mãos dadas. No centro	Jogo de contingência	-	Ludicidade, socialização,

MOMI MOMI	da roda deverá ser escolhido um participante, todos rodam e cantam uma música. Ao final da música todos entram na roda e fazem cosquinhas no participante que está no centro. Em seguida, escolhe-se outra criança para continuar a brincadeira.	social		interatividade, agilidade e respeito
PUXAR O RABO DO MACACO	Todos os participantes deverão pegar suas folhas e prendê-las no short na parte de trás como se fossem rabos. Ao sinal do professor os participantes começarão a correr tentando pegar o rabo do colega e ao mesmo tempo precisam proteger o seu próprio rabo. Esta atividade pode ser adaptada confeccionando o rabo com jornal. Podem também ser utilizados mais de um rabo por pessoa dispostos em toda a cintura	Turbulência	folhas de árvores média a grande	Agilidade e resistência
GAVIÕES E OS PINTINHOS	Não há limite de participantes nesta atividade. Primeiro escolhe-se o gavião e a galinha, o restante dos participantes serão os pintinhos. O gavião irá tentar comer (tocar) os pintinhos e a galinha deverá protegê-los. A brincadeira se desenvolve da seguinte forma: o gavião vai atrás dos pintinhos e ao tocá-los estes ficam paralisados, a galinha tem o poder de libertá-los tocando neles e fazendo com que voltem a brincar. Sugestão: se o número de participantes for grande, coloque mais de um gavião e mais de uma galinha para que a atividade seja mais prazerosa e todos possam de fato participar.	Turbulência	-	Agilidade, velocidade e sentido de equipe.
PIRA COLA AGACHADA	Esta brincadeira terá número indeterminado de participantes. Dependendo do número de brincantes poderão ser escolhidos de dois a três pegadores, ao sinal os pegadores correrão para pegar os brincantes que conseguirem escapar se estiverem agachados. O pegador não poderá ficar esperando o participante que está agachado	Turbulência	-	Incentivar a movimentação dos participantes, velocidade e agilidade.

	levantar, terá que ir pegar outro. Aqueles que foram pegos poderão ser salvos a partir do toque de um que ainda não tenha sido pego. Deve-se trocar os pegadores durante a brincadeira.			
--	---	--	--	--

Ao eleger cada jogo, foi necessário pensar no que era ou não viável dentro do contexto em que estávamos inseridos. A preocupação com quem vai brincar era uma das preocupações frequentes. Por exemplo, se o grupo será separado dependendo da quantidade de pessoas envolvidas. Há brincadeiras que necessitam de uma quantidade grande, onde pode tornar o processo interessante, mas dependendo da categoria da brincadeira, por exemplo as turbulentas, vale repensar se um grupo grande de brincantes pode ser dividido para não haver acidentes.

Somos um grupo de nove brincantes no laboratório, e cada opinião importa e é respeitada. Algumas brincadeiras do manual ainda não foram investigadas, pela falta de tempo. Assim como algumas que brincamos durante nossos encontros também não entraram nas escolhidas para a oficina desenvolvida, pela demanda de pessoas, e, também, para evitar um caos com as crianças.

2. ESTRATÉGIAS DE ADAPTAÇÃO DOS JOGOS: ESCUTA, DIÁLOGO, ACOLHIMENTO E CONTEXTUALIZAÇÃO CULTURAL

Como já pincelado anteriormente, a adaptação foi necessária, nesse contexto, devido a espaços e tempos. Pensar em como seria dentro de uma escola com as turmas cheias e até mesmo o nosso próprio espaço de investigar e brincar no Laboratório, que é limitado em questão de tamanho. Nesse sentido, este capítulo centra-se em apresentar quatro estratégias/caminhos de adaptação que pude perceber ao longo do trabalho do laboratório. São elas: escuta, diálogo, acolhimento e contextualização cultural.

Cada seção do trabalho narra momentos em que pude perceber as estratégias/caminhos anteriormente citadas. De maneira breve, sintetizo aqui do que se trata cada uma.

A escuta diz respeito ao processo, no Laboratório, em que escutar as demandas, os desconfortos, as sugestões auxiliou o ato de adaptação. O diálogo diz respeito aos momentos em que, durante nossas conversas, durante os processos de reflexão, surgiram possibilidades de adaptação. Já o acolhimento, diz respeito a como acolher as singularidades dos participantes também foi um caminho para boas escolhas adaptativas. E, por fim, a contextualização cultural foi de suma importância para que a essência das brincadeiras não se perdesse. Essa contextualização nos possibilitou compreender os limites éticos da adaptação.

Ao fim, compreendo que o processo de adaptação desenvolvido no laboratório se aproxima do conceito de confluência apresentado por Antônio Bispo dos Santos (2025). Santos (2025, p. 36. Grifos do autor) afirma que

Quando ouço a palavra *confluência* ou a palavra *compartilhamento* pelo mundo, fico muito festivo. Quando ouço *troca*, entretanto, sempre digo: 'cuidado, não é troca, é compartilhamento'. Porque a *troca* significa um relógio por um relógio, um objeto por outro objeto, enquanto no compartilhamento temos uma ação por outra ação, um gesto por outro gesto, um afeto por outro afeto. E afetos não se trocam, se compartilham. Quando me relaciono com afeto com outro alguém, recebo uma recíproca desse afeto. O afeto vai e vem. O compartilhamento é uma coisa que rende.

Percebo, assim, que a adaptação no laboratório foi um processo que rendeu. Um processo que não buscou a substituição, mas a vivência, a riqueza do encontro. Por isso, um gesto de confluência, um gesto que possibilitou a experiência com as brincadeiras sem que essas se tornassem outras brincadeiras, mas compartilhando conosco, ao brincá-las, um pouco do saber nelas contido.

2.1 ACOLHIMENTO

Na brincadeira *Pira Cola Agachada*, um participante é escolhido como o pegador, e todos correm pelo espaço. Para evitar serem tocados devem se agachar para não serem pegos. Quando alguém é tocado, o mesmo deverá permanecer agachado com a atenção para voltar ao jogo. Outro brincante deverá passar por baixo das pernas. Existe uma versão onde o jogo é apenas em pé, com a mesma dinâmica; a mudança é somente a brincadeira em plano alto. Quando se é pego, paralisa, para voltar outro participante o toca e assim volta a jogar. O jogo termina quando todos são pegos e o grupo decide trocar o pegador.

A brincadeira pode ser adaptada conforme espaço disponível, por exemplo, se o local não permitir que os brincantes coloquem as mãos no chão sem preocupação de se sujar. Em espaços onde não é possível agachar, usa-se a versão em pé, conhecida como pique-pega. Ambas mantêm o mesmo objetivo que é estimular foco e atenção, evitando que o participante se disperse durante o jogo.

Outro caso de adaptação foi de uma brincadeira que não foi investigada neste semestre, mas no anterior, que é *Pata Cega*. O nome foi adaptado para *Pata no Escuro*. Segundo o integrante Marconi Cristino essa alteração se deu devido ao termo ser capacitista.

Eu considero que a expressão cego ou cega pode soar capacitista em alguns contextos. No caso da brincadeira em questão, a pessoa que faz a função da pata fica momentaneamente com a visão bloqueada e em uma situação de vulnerabilidade, pois ela não está vendo nada que está em sua volta. Eu fico incomodado quando uma condição física é usada em contexto de "brincadeira", mesmo que a intenção de ofender diretamente a comunidade das pessoas com deficiência visual. Então eu pensei em usar uma expressão que remete a uma situação em que ficamos momentaneamente sem visão. Então, pensei na escuridão e que pata no escuro não soa ofensivo e nem preconceituoso. Tem como existe um movimento para evitar o uso de expressões capacitistas como "João sem braço", considero importante evitar usar expressões que podem, em algum momento, soar capacitista. (CRISTINO, 2025).

A intenção das investigações não é promover algo que cause desconforto nos brincantes, pelo contrário, nosso objetivo é incluir todos no jogo, então adaptando o nome da brincadeira para pata no escuro, sem mexer na essência da brincadeira, mudando apenas o nome.⁹

2.2 ESCUTA E DIÁLOGO

Não houve nenhum embate na questão de mudança, pois os encontros foram exatamente esse lugar de experimentar e ver o que precisa, nesse contexto, ser adaptado. Também é interessante pensar que nesse processo, não foram apenas as brincadeiras que adaptamos. Nós enquanto grupo também nos adaptamos ao espaço.

Vejo, ao fim do processo, que onde existe um desejo de confluência, e o espaço não se impõe como problema, sempre existe uma solução. Nego Bispo traz esse conceito em seu livro *A terra que dá, a terra quer* (2025). Esse conceito que não é misturar, mais o encontro de trajetórias, os saberes e os elementos que fortalecem o encontro sem perder o princípio e a essência de cada parte. Nas brincadeiras indígenas adaptadas ao longo do Laboratório existem variações, existe o mesmo aprendizado, mais o como fazer e de chegar ao resultado varia de cultura para cultura, enriquecendo e fortalecendo o próprio ato de brincar.

Com as adaptações, o objetivo das brincadeiras permanece o mesmo, o princípio delas está ali. Desse modo, as mudanças e pequenas adaptações são necessárias não para modificar a essência da brincadeira, mas pelo contrário, para que, com as pequenas alterações, o sentido essencial da brincadeira se mantenha.

⁹ Marconi Cristino é estudante do curso de Artes Cênicas da Universidade de Brasília (UnB), integrante do Laboratório de Brincadeiras Indígenas e Jogos Afro-brasileiros e colaborador desta pesquisa.

É válido ressaltar que sempre conversamos durante as brincadeiras. Isso possibilita que, ao experimentarmos os jogos e brincadeiras da forma como estão detalhadas no manual, se percebermos que há incômodo em alguém do grupo, ou algo que não seja possível de ser feito do modo como está descrito no Manual, podemos, já durante o ato de brincar, pensar em uma adaptação. É sempre tudo em acordo coletivo, o que é importante, pois se surge algum incômodo certamente não queremos reproduzi-lo em outros espaços. Então, o laboratório tem cumprido o papel que o nome leva. Para exemplificar, relatarei a seguir uma situação vivida no grupo.

2.3 CONTEXTUALIZAÇÃO CULTURAL

Em um dos encontros, o grupo recebeu uma nova integrante, vinda do Peru. Durante a brincadeira *Mômi Mômi*, realizada em roda, a participante permaneceu no centro enquanto o grupo cantava. Ao final da canção, iniciou-se a parte da brincadeira que envolve o toque físico, a qual durou pouco tempo devido ao desconforto demonstrado pela participante. Inicialmente, para mim esse incômodo foi compreendido como uma possível diferença cultural em relação ao contato físico em contextos lúdicos. A partir dessa experiência, nos encontros seguintes, o toque passou a ser realizado apenas em partes específicas do corpo, como panturrilhas e costas, evitando regiões mais sensíveis, como colo, pescoço e tronco, de modo a respeitar os limites dos participantes.

Para mim, enquanto membro, é importante ouvir e acolher todas as propostas. Estamos em um processo de descobertas, eu estou começando a docência e todas as experiências que tive com a docência foram no campo de estágios, que também é esse lugar de errar, para quando chegar o momento de estar a frente de uma turma com toda a responsabilidade que o ofício exige. O diálogo é a melhor maneira de solucionar e acordar as coisas. Percebo que a escuta, o acolhimento e o diálogo foram estratégias constantes no Laboratório para pôr em prática o processo de adaptação.

Para mim, concluir esse capítulo é perceber que a jornada vivenciada dentro do Laboratório de Brincadeiras Indígenas e Jogos Afro-brasileiros, não se resume a observar e analisar as práticas, mas sim a implicar uma escuta atenta em cada jogo investigado, a cada silêncio interno, a cada resgate de memória afetiva que eram atravessadas em mim e a cada encontro durante as tardes de quartas-feira.

Experimentar foi outra estratégia necessária para o processo que aconteceu coletivamente ao selecionar os jogos que pudessem ser mais aproveitados, que dialogassem com a necessidade do espaço levando em conta a quantidade de pessoas que ali estavam. Assim como buscar compreender o contexto do público que iríamos encontrar na oficina, buscando sempre percorrer o trajeto com respeito, mantendo a essência de cada jogo ao conduzir o processo, como quem segue o fluxo de um rio sem tentar mudar o seu curso.

Ailton Krenak (2022, p. 11) fala em seu livro *Futuro Ancestral* que “os rios, esses seres que sempre habitaram os mundos em diferentes formas, são quem me sugerem que, se há futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral, porque já estava aqui”. Com essa frase, me lembro do primeiro dia de brincadeiras, onde fizemos desenhos, um registro de sentimentos, e caminhos se entrelaçam pensando no futuro. Escrevo esse trabalho pensando no futuro dos meus futuros alunos.

Pensando em meu papel como educador e não apenas como professor, compactuo com um pensamento de Edson Kayapó. Segundo o autor, “compreender a diversidade sociocultural dos povos indígenas é fundamental para que a escola avance em práticas educativas realmente interculturais” (2019, p. 60). Ainda há um preconceito e relutância na educação básica em integrar história e cultura afro-brasileira e indígena, mesmo que a lei tenha sido modificada em 2008, alterando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional lei 9.394 de 1996. Entretanto, vejo a prática no Laboratório como um pequeno e potente passo para que tais saberes possam ser integrados. Vejo hoje que é possível integrar outros saberes, que não seja apenas os fragmentos de colonização na educação. E venho descobrindo dentro do laboratório a potência que os jogos tem.

E trabalhando sempre o exercício de observar, registrar e experimentar as brincadeiras, não tenho, assim como não é a intenção do Laboratório, jamais a intenção de traduzir culturas, mas sim em aproximar os caminhos, assim como os que foram unidos no primeiro acolhimento do laboratório de cada integrante que chegou ali, com um interesse, um propósito, independente do motivo, razão, ali formamos um time.

Assim o laboratório se tornou um espaço de travessia, lugar de conhecimento mediado pela professora Jennifer Jacomini, com sua vontade de fazer acontecer e aprender juntos com profundidade, críticas construtivas para que seja um lugar seguro antes de ir aos espaços educativos.

Encerro esta etapa do trabalho, para que venha um novo momento da pesquisa. No próximo capítulo apresentarei a experiência da oficina, onde esses saberes deixam o campo das reflexões, ganhando forma, ganhando corpo no encontro junto dos meus colegas de campo. E ali no improviso, na experiência vivenciada e partilhada, é que vemos os desdobramentos na prática e que as brincadeiras revelam novas percepções, novas camadas e o sentido do brincar. É o lugar do riso solto, espontâneo no meio de tantas crianças, jovens e adultos com a mesma intenção: se divertir e brincar juntos.

3. A ADAPTAÇÃO NA PRÁTICA: REFLEXÃO SOBRE A OFICINA NO LAR DO PASTOR RAPOSO

O Laboratório de Brincadeiras Indígenas e Afro-brasileiras, do qual participei para desenvolvimento desta pesquisa surge, como dito anteriormente, como um campo investigativo, em que através das adaptações de jogos que compõem um documento educativo que é a maior referência presente neste trabalho - o manual bilingue de brincadeiras indígenas e afro-brasileiras -, buscou-se compreender os modos de brincar que estão presentes em diversas culturas dos povos originários.

A necessidade surge do desejo de aproximar a Educação Formal dos conhecimentos indígenas, entendendo que o brincar é mais que uma atividade lúdica. O ato de brincar para diversos povos indígenas é, por si só, uma maneira de ensinar, transmitir conhecimentos e fortalecer vínculos comunitários (Melo, 2012).

No caso do laboratório, o ato de brincar criou conexões entre os participantes e fortaleceu o apoio entre educadores com visões distintas, porém com o mesmo objetivo: brincar e, a partir disso, ajudar um ao outro com olhares e o desejo de ensinar através da brincadeira. Com esse entendimento, o laboratório tornou-se o nosso campo de vivências e experimentações artísticas, com as possibilidades que esses jogos nos proporcionam em diálogo com as Artes Cênicas.

Quando digo que o brincar é ancestral, o digo a partir, também, de minha vivência. As primeiras brincadeiras que aprendi foram com meu pai, que aprendeu com o meu avô e que consequentemente foi se passando ao longo das gerações. Hoje enxergo o brincar como uma forma de defender os direitos das crianças. Um exemplo que temos atualmente de que é preciso resgatar o hábito de brincar, é o consumo excessivo de telas. Brincar leva tempo, as crianças precisam ser crianças, sinto que o tempo passa e que está se tornando cultural viver trancado dentro de casa consumindo conteúdos e mídias e mais mídias.

E ao olhar para a educação indígena esse brincar também sofre ameaças, com a invasão de terras, o desmatamento, e a presença de mídias digitais acelerando um crescimento, isso é uma realidade tanto para crianças indígenas quanto para as não indígenas. A brincadeira para mim é um lugar de refúgio.

Dentro do laboratório ficou claro que a brincadeira não é vista como uma atividade isolada, mas parte de um sistema educativo ancestral que integra o corpo, o ambiente e a

convivência. A seguir, no tópico 2.1, você encontrará como foi concebido o planejamento de uma oficina que foi realizada em um casa de acolhimento para imigrantes e refugiados venezuelanos, com um público diverso em faixa etária, desde crianças de 2 anos à adolescentes e adultos.

No tópico 2.2 abordarei sobre o local, onde essas pessoas vivem por um curto período de tempo até se estabelecerem, dando oportunidades para outras famílias na mesma situação.

E, por fim, no 2.3, trarei uma reflexão sobre todo o processo dessa oficina, como o laboratório foi importante nesse momento, a adaptação, lado positivo e negativo, e o como foi a prática com outras pessoas que não são os integrantes do Laboratório de Brincadeiras Indígenas e Afro-brasileiras, além de como funcionou a adaptação para esse espaço e como elas aconteceram com o público de diversas faixas-etárias.

3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROCESSO DE CONFECÇÃO DA OFICINA

No dia 22 de outubro de 2025, a professora Jennifer Jacomini nos fez uma proposta de realizar uma oficina com as brincadeiras que já foram e adaptadas investigadas e brincadas no início do projeto, e também agora no segundo semestre de 2025.

A ideia inicial era que a oficina acontecesse em uma escola com crianças do Ensino Fundamental I. Assim, foram selecionadas brincadeiras em que todos os corpos pudessem brincar, mas com a diferença de que nós, os brincantes do Laboratório, não iríamos participar. Isso por se tratar de um público composto apenas por crianças e, assim, estando como observadores, poderíamos estar mais atentos para evitar o risco de acidentes, devido à turbulência que as brincadeiras podem causar. Tratando-se de um ambiente escolar, acreditamos que todo cuidado seria pouco. A partir disso, planejamos e deixamos acordado, como um protocolo criado por nós, integrantes do laboratório. Aqui está mais um dispositivo de adaptação, visto que, caso desenvolvêssemos a oficina para outro público, talvez não precisássemos ter este olhar observador tão aguçado.

Entretanto, acabamos não concretizando essa oficina na escola. E então nossa colega do laboratório Ivone Marins, nos fez uma nova proposta para um outro espaço, este diferente do espaço escolar: uma casa de passagem chamada Lar do Pastor

¹⁰Raposo¹¹. Houve a necessidade de mais uma adaptação. Assim, alteramos um plano já montado e presente no nosso caderno colaborativo.

A preocupação, a partir da mudança de público, era um pouco mais em relação a outra cultura estrangeira, principalmente o idioma, que poderia ser um desafio grande. Destaco, porém, que para mim foi um motivo especial a mais para realizar esse trabalho com nossos *hermanos* da Venezuela. Especial porque o idioma espanhol faz parte da minha vida desde criança, além da vontade de brincar e conhecer outras brincadeiras dentro e fora do Brasil.

Algo que pensamos juntos como coletivo foi uma assinatura com as cores do card das redes sociais do projeto e, assim, acordamos de usar todas as roupas em uma paleta de cores como terracota e tons terrosos, cores que também estavam de acordo com o logo do nosso laboratório.

Alinhamos o que cada participante poderia conduzir. No processo de adaptação, acionando a escuta e a contextualização cultural, decidimos a princípio, que conduziria as brincadeiras na casa de passagem do Pastor Raposo quem falasse espanhol.

No grupo a professora Jennifer, Damares e eu falamos espanhol, Damares Chamorro, os outros integrantes como Ivone, Marconi Cristino, Bruna Senseve e Ludmila Karino, ficaram no apoio e o professor Jackson Tea que ficou nos registros audiovisuais e fotográficos. Mas o idioma acabou sendo motivo de alegria, ver como as coisas, mesmo com planejamento, necessitavam do imprevisto. Isso nos divertiu muito.

Como nosso processo de vivência é coletivo, até o deslocamento foi dessa maneira, visto que fomos de carona até a casa de passagem. O ponto de encontro foi na UnB, o que facilitou o encontro para realizar a oficina com as crianças, jovens e adultos que compõem a casa de acolhimento. Todos na paleta de cores da logo do laboratório, que você pode conferir na imagem a seguir:

¹⁰ Ivone Marins professora da secretaria de educação do DF e mestranda em artes cênicas pelo PPG-Cen.

¹¹ Como salientado na introdução, o referido nome é fictício visto a necessidade de manter o anonimato do local.



Logo do Laboratório. Imagem criada por inteligência artificial feita por Jennifer Jacomini, Arquivo do laboratório, 2025.

3.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO LOCAL EM QUE A OFICINA FOI FEITA

A casa de passagem do Pastor Raposo é um local destinado às pessoas em situação de vulnerabilidade econômica e social. É um espaço de transição que acolhe grupos de famílias venezuelanos migrantes por até três meses. O espaço promove oficinas de formação, atenção integral às crianças, capacitação para o trabalho, acompanhamento em casos de atenção à saúde junto a rede de acolhimento, visando a integração socioeconômica na região.

Criada em fevereiro de 2021, o centro faz parte de um projeto Acolhidos Por Meio do Trabalho e é fruto da parceria entre AVSI Brasil e ¹²O Instituto Migrações e Direitos

¹² Laura Tameirão, é a nossa social media e responsável pelas postagens nas redes sociais do laboratório. @brinquejogue.lab no instagram.

Humanos (IMDH) Irmãos Scalabrinianas, com o apoio da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) que cedeu o espaço em comodato.

É um lugar com parceria com a Universidade de Brasília, e, também, com o departamento de Artes Cênicas. Neste espaço as pessoas têm acesso a passeios, à introdução da língua portuguesa para auxiliar no processo de migração para que tenham a oportunidade de ter melhorias em suas vidas.

O espaço para a realização da oficina foi na área externa. O espaço, na realidade, é uma casa com estrutura confortável. Seu redor é cercado pela natureza, com muitas árvores e uma área que separa essa área externa de outro espaço com muita vegetação dando a parecer um lar, uma casa onde todos são bem amparados.

Na área externa foi possível explorar algumas brincadeiras com um amplo espaço, diferente do espaço em que estamos acostumados a investigar os jogos. Ali foi a primeira ação externa em que participei como membro do laboratório. Tínhamos acesso ao vento, à terra, às árvores e a um espaço bem arborizado que me pareceu ser o espaço ideal para realização das atividades com as crianças.

Ter essa natureza disponível para brincar foi um ponto muito positivo, levando em conta as pedras de brita que poderiam machucar os pés dos das crianças e dos adolescentes que são as pessoas que mais usam esse espaço, para interagirem entre si, muitos não usavam calçados, não sei se por opção, ou por não possuíam de fato . E para mim o ideal seria que todos nós brincássemos descalços, proporcionando uma sensação de liberdade muito maior. Por estar com o pé na terra, pudemos experimentar os jogos de uma maneira mais próxima ao que é vivido por muitas pessoas nas comunidades indígenas.

3.3 PROCESSO DA OFICINA COM OS JOGOS AFRO-BRASILEIROS E INDÍGENAS

Havia um receio muito grande de minha parte em estar com pessoas estrangeiras, pela preocupação em como seríamos recebidos, além do desafio do idioma. Embora eu fale com certa fluência, ainda assim o espanhol apresenta muitas variações e dialetos diferentes na mesma língua, muitas palavras regionais e específicas de vários países.

Outra questão que me deixou receoso, seria o toque físico, pois as brincadeiras possuem um contato físico e visual muito próximo quando se está brincando, e o brasileiro tem a fama de ser muito receptivo e acolhedor, o calor humano é presente no

nosso cotidiano, ainda que mude de região dentro do Brasil, ainda sim é muito mais propício encontrar pessoas favoráveis ao toque físico, do contato visual do que não gostar.

Essa questão me deixou um pouco apreensivo, porque percebi que algumas crianças e adolescentes demonstraram receio no início, já que éramos pessoas desconhecidas para todos. Considerei essa reação normal e compreensível. Porém isso caiu por terra, na primeira brincadeira conduzida pela professora Jennifer. A serpente, em espanhol “la serpiente”, foi um momento muito especial pois em nossas experimentações havíamos construído uma versão da canção dentro do laboratório com auxílio de Damares Chamorro, por ser uma nativa peruana.

Isso porque, mesmo sendo em espanhol, tinha a letra um pouco diferente da versão original em espanhol, mas com a mesma proposta que era fazer parte do corpo da serpente que ia aumentando ao longo da fila que se formava por trás da condutora.

A surpresa veio quando Jennifer mencionou o nome da brincadeira as crianças começaram a cantar e assim começamos a brincadeira, com a primeira criança seguindo até formar uma serpente enorme com crianças de três anos até os adultos. Nesse jogo nós, brincantes do laboratório, fizemos parte da brincadeira e isso ficou em torno de mais ou menos trinta minutos, apenas com essa brincadeira, o que pode ter tirado muito tempo para outros jogos.

Porém vi esse momento como uma oportunidade de estarmos mais próximos deles e ganhar a confiança. Sinto que depois desse jogo de interação, em que uma das finalidades originais é se apresentar fazendo com que o grupo conheça o nome de cada brincante, conseguimos despertar nosso objetivo com o mesmo, o qual, decidido durante a adaptação, seria o de possibilitar interação entre as pessoas participantes.

Nesse jogo não separamos crianças menores, das maiores e dos adolescentes¹³. Entretanto notei que muitos adolescentes não se interessaram de início, provavelmente por pensar que são brincadeiras de crianças pequenas e também pela timidez. Acredito, ainda, que isso aconteça nessa fase também porque eles querem estar mais próximos com os da mesma faixa-etária.

Porém, Jennifer, com suas astúcias e com experiências com o espanhol na ponta da língua, seguiu o jogo e a serpente ia aumentando. Ao passar do tempo, as crianças de

¹³ Na oficina participaram crianças de três anos até adolescentes de dezoito anos. Assim, o público foi bastante diverso.

¹⁴três anos, através da ideia de Damares Chamorro, foram levantadas para que as maiores pudessem passar por baixo.

Essa foi uma adaptação que surgiu da escuta de Damares, ao ver que as crianças maiores estavam com dificuldade de passar pelas pernas das crianças menores. Então, de improviso, disse: levantamos os menores quando alguém for passar por debaixo das pernas. E assim foi até o final causando euforia e muitas gargalhadas espontâneas categorizando a brincadeira como turbulenta.

Os risos das crianças ecoavam pelo espaço livre a céu aberto trazendo a sensação que a missão havia sido cumprida com o primeiro jogo, a interação entre o público que participou e com nós, os integrantes do laboratório havia funcionado e todos estavam contentes.

Nesse momento, é importante destacar o papel da escuta e do acolhimento como estratégia de adaptação adotadas no laboratório. Foi por conta da escuta e da atenção às crianças que conseguimos, sem parar o jogo, solucionar o problema posto: como os maiores passariam por baixo das pernas dos menores? Isso me faz compreender que o processo de adaptação não é algo acabado. É preciso uma atenção de corpo todo, a todos os momentos dos jogos, para que a adaptação possa ser plena e continuar gerando espaço propício ao jogo.

A segunda brincadeira está relacionada uma canção africana e a uma dança de saudação de boas vindas utilizadas no contexto de educação e celebração, sendo considerada uma forma de expressão cultural. Nesse momento seguiu-se a mesma formação, todos que haviam participado da serpente estavam entretidos e permaneceram no jogo que foi conduzido pela colega Bruna Senseve.

Nesse momento Bruna Senseve teve o desafio de explicar usando a mescla do português com espanhol, o famoso *portunhol*, que seguiu muito bem. Ela foi escolhida para conduzir esse jogo, porque já havíamos brincado no laboratório e fora a Jennifer, era a única que tinha decorada a letra e a ordem dos comandos.

Nessa brincadeira houve uma dinâmica diferente, porque as crianças menores não alcançavam a mão das maiores. A solução foi baixar os braços para que elas pudessem tocar e seguir a roda no ritmo delas e no¹⁵ tempo delas, resultando em uma experiência

¹⁴ Damares Chamorro é doutoranda na Unb e artista migrante.

¹⁵ Jackson Tea é o nome artístico do professor José Jackson do Cen, e um dos professores que fazem parte da organização do laboratório.

¹⁶ muito interessante, a qual não havíamos pensado nessa hipótese quando decidimos fazer o jogo todos juntos.

A música fazia com que eles permanecessem na brincadeira e não virou um problema ou turbulência, ou algo que fosse necessário a separação entre eles, era o momento de saudação onde a expressão corporal de cada corpo brincante, tivesse seu espaço, seu momento no tempo de cada um.

Vale ressaltar desse momento a segurança que senti e que pude ver nos meus colegas de pesquisa, através da professora Jennifer Jacomini que estava presente do início ao fim do jogo, nos auxiliando, inclusive, com o idioma e isso fez total diferença na realização das brincadeiras facilitando a comunicação de quem não falava espanhol.

Na sequência, a terceira brincadeira foi a Corrida dos Limões. Ela foi conduzida por Jennifer Jacomini e Ludmila Karino, foi uma das brincadeiras que causou uma subestimação com crianças menores, pelo fato de serem muito pequenas, algo também dito enquanto estávamos no processo de escolher os jogos, e eu disse que não podemos subestimar as crianças menores. No entanto ao brincar com eles, foi onde tivemos uma surpresa pois os menores conseguiam equilibrar os limões muito mais do que os maiores, causando euforia para os torcedores a todos.

A brincadeira acontece da seguinte maneira: formam-se duplas, uma ao lado da outra. Cada participante recebe uma colher e um limão. Ao sinal do condutor, eles devem caminhar até um ponto específico marcado pelo condutor da brincadeira, equilibrando o limão na colher. Ao chegar, passam o limão para quem ficou na fila esperando com a colher, sem o uso das mãos, apenas usando as colheres.

Foi uma competição saudável, onde cada brincante queria ser o vencedor em seu momento. Isso demonstra a atenção, o foco e a expressão corporal, e principalmente a facial, onde era possível rostinhos tão pequenos, com tensão em percurso de metros mostrando que não se deve subestimar o querer e o poder de uma criança. E, por fim, ver a comemoração dos colegas a cada percurso feito com a colher, segurando o limão. O desafio maior era passar o limão sem usar as mãos e quando conseguiam, risos espontâneos e gritos e risadas atravessavam o espaço.¹⁷

¹⁶ Bruna Senseve é carnavalesca criadora da Trupe Quéro-Quéro do Calango Careta.

¹⁷ Ludmila Karino, mestranda no programa de Pós Graduação em direitos humanos PPGDH UnB e membro do laboratório.

A quarta brincadeira, Gaviões e os Pintinhos, foi conduzida por mim e Ivone. Foi um acontecimento inesperado. Lidar com um público pequeno junto a um grande implica muitas reações. Nesta brincadeira, o desafio inicial se deu ao explicar o nome da mesma, em específico sua pronúncia em espanhol: *gavillan*. Foi o momento em que eu duvidei do meu espanhol. Ao explicar a dinâmica e como aconteceria o jogo, escolhemos um gavião e uma galinha, os demais seriam os pintinhos.

O que não era esperado, era ver as crianças pequenas levarem tão a sério serem nominadas *pollitos* (pintinhos). Houve uma sinfonia de pintinhos piando e batendo asas e a poeira subindo. Fiquei sem reação e a única coisa que sabia fazer era rir, e rir e vendo meus colegas do laboratório rindo e sorrindo, porque também não esperavam por essa reação. Acredito que esse exemplo é rico no que diz respeito ao processo de adaptação. Partir do lugar de contextualização cultural e da escuta foi importante pois, caso tivéssemos adaptado o nome para o português, talvez não teria causado tanta identificação com as crianças. Manter os nomes na língua das crianças é uma escolha de adaptação que auxiliou no acolhimento e no aceite das mesmas no jogo.

Explicado como aconteceria, partimos para ação. Ivone esteve sempre disponível e pronta para me ajudar nos comandos e facilitar também a comunicação entre os brincantes. Nesse jogo também aconteceu algo muito interessante devido a diferença de idade entre os participantes, pois foi algo questionado também dentro do laboratório sobre possíveis contrapontos, como machucar as crianças, e os maiores levarem vantagem dentro da brincadeira.

O gavião era um adolescente de dezesseis anos, que a princípio não queria brincar. Quando escolhemos a galinha, uma menina na faixa-etária dos doze anos, foi outra surpresa, pois ela de fato havia incorporado uma postura de galinha protetora com os seus pintinhos, dificultando o trabalho do gavião que era comer (tocar) os pintinhos para que se paralisassem, até a galinha tocar de volta trazendo o pintinho para o jogo novamente.

O que funcionou muito bem, e mostrou que mesmo os pintinhos menores tinham uma capacidade muito grande em atentarem-se para não serem pegos. Entretanto essa capacidade provocou um cansaço rápido e instantâneo no gavião, muito mais alto e com mais força, o que pensei que seria um trabalho fácil para ele dentro da brincadeira. Foi justamente o contrário: uma galinha totalmente protetora e valente que não facilitou o

trabalho do gavião. Essa experiência evidenciou que, quando se trata de brincadeira com criança, devemos ter total cuidado e atenção. Mas não dá para subestimar a capacidade que elas possuem.

Na quinta brincadeira, Puxar o Rabo do Macaco, conduzida por Damares Chamorro e Marconi Cristino, tivemos uma turbulência, assim como a brincadeira é categorizada dentro do manual de brincadeiras bilíngue de brincadeiras indígenas. Havia outras brincadeiras paralelas com outros grupos de pessoas maiores fora do jogo, onde a maioria eram crianças de três a doze anos inicialmente.

Dadas as coordenadas, com muita facilidade devido a naturalidade do espanhol de Damares Chamorro, sua língua nativa e o jogo de cintura de Marconi Cristino, os rabos foram distribuídos, no caso, as folhas de tamanho médio para colocar na parte de trás das roupas. Aqui foi interessante explicar, para quem não estava com uma roupa que possibilitasse por detrás, segurar com uma mão, ou encaixar em alguma parte da vestimenta.

O espaço grande e amplo contribuiu para a turbulência se intensificar. Todos juntos, alguns com mais vantagens que outras, pela agilidade natural, mas que não foi o problema, pois os menores que perdiam seus rabos e saíam fora do jogo, ficavam atentos aos ramos ou folhas que caem pelo chão, assim pegando para si e se introduzindo novamente na brincadeira, quando o comando é, perdeu o rabo sai da brincadeira. A competição aumentava porque nenhuma criança queria sair da brincadeira atraindo a atenção dos adolescentes que estavam fora, fazendo com que mudasse de ideia e tentassem jogar também.

Um fato interessante que ocorreu aqui, foi que quando os mais velhos perdiam o rabo, eles saíam e procuravam outra coisa para fazer fora do espaço, e as crianças menores eram as mais competitivas. Meus colegas condutores estavam sem saber o que colocar para dar fim ao jogo e partir para o próximo jogo, então a solução proposta por Jennifer foi fazer um círculo em volta do espaço com quem saia do jogo, para finalizar o que não foi algo fácil, devido a competição entre eles. Até que o círculo foi diminuindo o espaço e tivemos o vencedor.

Neste caso é interessante se pensar alternativas para encerrar o jogo, e adaptar a brincadeira de acordo com o espaço. Na prática essa foi a penúltima brincadeira da

oficina na área externa, depois seguimos para outro espaço na frente da casa de passagem, onde eu conduzi a penúltima dinâmica.

A dinâmica foi toda em um grande círculo. Começando por mim, fiz um movimento e falei meu nome, os demais repetiam o movimento e falavam meu nome, assim por diante até todos falarem seus nomes, para que possamos conhecer. Uma dinâmica que no teatro é utilizada para quebrar o gelo, e se apresentar de uma maneira informal e diferente.

A última atividade, conduzida pela professora Jennifer, foi uma que fizemos no primeiro de dia do laboratório, em que cada pessoa tem uma folha branca e canetinha de uma cor, e o desenvolvimento é o seguinte: ao som de uma música tem um tempo para escrever uma palavra para descrever como foi o processo, a experiência com os jogos, como está se sentindo. Caso a pessoa não queira escrever, ela pode desenhar algo.

Nesse momento de troca e interação, era possível ver o apego de muitas crianças com seu desenho. Dentro de todas as atividades, essa foi a única que aconteceu e não tivemos um resultado como na construção de investigação no laboratório, pois éramos adultos.

Nessa última atividade criativa e colaborativa, o resultado esperado onde todos pudéssemos colaborar com o desenho do colega, não tivemos esse resultado, devido às crianças menores, não quererem passar o desenho ao lado, dando sequência e quando conseguimos fazer a roda seguir, já não era no mesmo tempo. O que fez com que algumas crianças não ficassem tão satisfeitas e outras levassem o desenho para sua família.

Dentro da expectativa que tínhamos antes de chegar a casa de acolhimento, foram totalmente superadas, pelo carinho, a recepção de todos, inclusive as pessoas mais tímidas e reservadas, a despedida das crianças, as curiosidades que tinham e o calor humano recebido para mim, foi a melhor parte.

Compreender que o brincar é essencial, é pedagógico, é ancestral, e que a brincadeira provoca o riso fácil, a diversão que o laboratório nos permitiu vivenciar, foi a parte do processo dentro da oficina e com as expectativas que tínhamos, o que deu certo e o que não deu. E chego a conclusão que deu certo. O desenvolvimento contribuiu para humanizar um pouco a situação e a dificuldade que as crianças encontram na condição de migrantes para se inserir em uma cultura diferente do seu país.

Desse modo, a oficina e as adaptações não resolveram a situação completa das pessoas, nem era nosso objetivo. Mas, sem dúvidas, foi um momento importante para elas e, principalmente para nós. Isso me faz pensar no que diz Jennifer Jacomini de Jesus (2020), em sua tese de doutorado, ao afirmar que trabalhos artísticos com perspectivas e objetivos políticos, como o exemplo dos Palhaços sem fronteiras, não transformam toda a realidade sozinhos, mas produzem um importante trabalho paliativo que, junto a outras instâncias políticas e sociais podem auxiliar em outras instâncias de transformação.

Brincar pode ser uma maneira de humanizar também, o ambiente escolar que também pode ser hostil, no caso das crianças da casa de passagem do Pastor Raposo, pode ser um pouco mais difícil, estar longe de casa, e em um espaço que nem sempre é o que parecer ser, para aqueles necessitam sorrir, que precisam do apoio e que podemos ver né toda ação que se diz humanitária, de fato é.

Deixamos o local onde realizamos e partimos para um piquenique reflexivo. Foi nosso momento de desmontar, analisar e observar o que pode ser feito para adaptar as brincadeiras, de acordo com as faixas etárias, as condições de espaço, e como realizar em caso de recusa. Sinto que na oficina tivemos uma colheita muito prazerosa, no sentido de olhar, e transmitir o que investigamos no laboratório, e ver se concretizando ali na prática com outros corpos, outras expressões, outros costumes. Brincando também se aprende.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Caminhar com objetivos específicos de compreender de que maneira os jogos podem ser inseridos, em ambientes educativos como a escola regular, a universidade que foi o campo de vivência no processo de descobertas, e de que forma elas podem auxiliar no processo de aprendizado do corpo brincante, incentivando no percurso metodológico e as análises desenvolvidas coletivamente, detalhadas passo a passo como é a fonte de registros da brincadeira diretamente do manual.

Durante o período de realização do laboratório, se tornou evidente que os jogos indígenas constituem um território de aprendizado diverso, onde a coletividade, o corpo, a ancestralidade se apresentam de um jeito potente, as vivências me possibilitaram ver que essas práticas não são apenas estimulantes em habilidades motoras, cognitivas, mas exercitando a escuta, a autonomia, cooperação, respeito. São conhecimentos fundamentais para compreender como o ato de brincar também se converte em uma vivência formadora.

A relação com o teatro surge de maneira leve no processo pelo fato do laboratório ter surgido dentro do curso de artes cênicas, e por trabalhar diretamente com o corpo em movimento e por dialogar com princípios do jogo teatral, improvisos, as expressões corporais e o corpo cênico presente. Dessa forma, como no teatro, as brincadeiras exigem muita atenção, prontidão, criatividade e abertura ao outro. Essa semelhança mostra que brincar pode atuar como fio condutor para práticas teatrais expressivas, facilitando um processo de aprendizagem onde envolve o corpo inteiro e não somente facetas plausíveis. Em relação a inclusão dessas brincadeiras em contextos educativos, a experiência na oficina demonstra que a aplicação dos jogos contribui para ambientes de aprendizagem dinâmicos e sensíveis com as crianças e adolescentes.

Compreendi o valor da diversidade cultural, a diferença nos modos distintos e que mesmo assim estavam todas juntas se conhecendo e se conectando naquele espaço de passagem, a coletividade entre eles na mesma faixa etária, e na diferença entre eles, a diversidade de corpos mostrava um ritmo diferente da experiência do laboratório, que somos todos adultos e lidar com essa diversidade ampla tornou o processo criativo e colaborativo.

Tudo isso foi possível pelo processo de adaptação desenvolvido no laboratório. Pensar a adaptação como um modo de confluência foi essencial para que exercitássemos

nossa sensibilidade ao longo do trabalho, buscando modos e pontos de conexão e não de sobreposição. Tomar a adaptação como confluência também nos possibilitou pensar com mais delicadeza nos limites desse procedimento, assim como, compreendermos esse processo como algo inacabado, sempre situado e em movimento.

Ainda que os resultados alcançados, reconheço que este estudo aponta limitações. Em um futuro próximo essa pesquisa pode expandir o repertório de brincadeiras que não estejam no manual, e aprofundar o diálogo com comunidades indígenas, quem sabe em outra língua e investigar também os mesmo jogos em outros contextos, e compreender que impactos essas práticas em diferentes idades e contexto escolares, socioeducativos específicos.

Concluo, que as brincadeiras indígenas representam um campo abundante para práticas pedagógicas que unem corpo, cultura e criação. Ao conectar esses jogos com o teatro, esta pesquisa reafirma a potência material, educacional e artística, capacitada para fortalecer maneiras de aprender muito significativas, possibilitar sensibilidade e expandir saberes não convencionais no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/Piseagrama, 2025.

JESUS, Jennifer Jacomini de. Palhaçaria humanitária: uma perspectiva decolonial sobre a experiência da ONG Palhaços Sem Fronteiras. **Tese (Doutorado em Teatro)** – Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, Centro de Artes – CEART, Programa de Pós-Graduação em Teatro – PPGT, Florianópolis, 2020.

KAYAPÓ, Edson. A diversidade sociocultural dos povos indígenas no Brasil: o que a escola tem a ver com isso? In: SESC (Departamento Nacional). **Culturas indígenas, diversidade e educação**. Rio de Janeiro: SESC, 2019. p. 56–80.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 1994. p. 35.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

MELO, CRD. Uma escuta do mundo: processos de ensinar e aprender entre os Guarani. **Educação indígena: reflexões sobre noções nativas de infância, aprendizagem e escolarização**. Florianópolis: Editorial da UFSC, p. 117-140, 2012.

MUNDURUKU, Daniel. O que podemos aprender com a infância das crianças indígenas? **Lunetas**, 2020. Disponível em: <https://lunetas.com.br/o-que-podemos-aprender-com-a-infancia-das-criancas-indigenas/>. Acesso em: 02 dez. 2025.

REIS, Patrícia Rossi dos. **Manual Bilíngue de Jogos e Brincadeiras Indígenas: interculturalidade, modos de vida e sustentabilidade**. Manaus: Universidade Federal do Amazonas – UFAM, 2020.

SPOLIN, Viola. **Theater Games for the Classroom**. Evanston: Northwestern University Press, 1986.